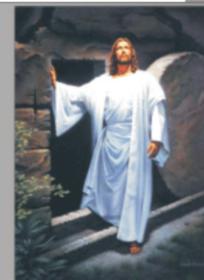




Dei Verbum



Realização: Associação Filhos de Jesus e Maria, Com. de Aliança e Vida (Distr. gratuita)

Dezembro/2016

VIDA DE SANTA TERESA DE JESUS OU DE ÁVILA



Teresa de Ahumada nasceu na cidade de Ávila (Espanha) no dia 28 de Março de 1515.

Seus pais eram Alonso Sánchez de Cepeda e Beatriz Dávila de Ahumada.

Desde criança se imprimiu no seu espírito um forte desejo do Céu e da eternidade.

Com 6 anos tentou fugir com seu irmão Rodrigo para serem mártires na terra dos mouros, mais seu tio os descobriu ainda perto de casa.

Depois da Profissão Religiosa, foi atingida por uma grave doença que a levou às portas da morte, ao ponto de se ter preparado a sepultura no cemitério do convento. Seu pai não desiste e acredita na recuperação de Teresa, encomenda-a a São José e, passados quatro dias, sai dum coma profundo.

Procurou por muitos anos um diretor espiritual que lhe ajudasse e entendesse, dois deles Francisco de Salcedo e Gaspar Daza aos quais relatou suas experiências espirituais, visões e êxtases, lhes disseram que o que se passava com ela era obra do demônio. Mais o Bom Deus colocou em seu caminho um santo sacerdote Diogo de Cetina, que a compreendeu e nela acreditou mais lhe disse que deveria recomeçar a oração pela base, por não estar bem fundada, nem ter começado a entender a mortificação.

Teresa conheceu os segredos de Deus que lhe eram transmitidos pela oração. Recorreu aos melhores teólogos do seu tempo para que a ajudassem no seu itinerário orante e contemplativo. Entre os quais encontra-se: São João da Cruz, São Francisco de Borja, São Pedro de Alcântara, São João de Ávila e outros de grande fama no seu tempo. Um dia ouviu a voz do Senhor que lhe dizia: «Já não quero que tenhas conversas com homens, mas com anjos». Deus revelou-lhe verdades e incutiu-lhe grandes desejos de santidade e de serviço à Igreja.

Quando a Igreja, por causa dos protestantes, proibiu as edições da Bíblia em língua que não fosse o latim, Teresa sentiu muita pena e ouviu Cristo que lhe disse: «Não te preocupes. Eu serei o teu livro vivo». Por esta altura, sentiu o impulso que a inspirava a renovar a Ordem do Carmo.

Assim, passando por muitos sofrimentos e sempre com a ajuda de Deus, fundou o primeiro convento, o de São José de Ávila, da nova família das carmelitas descalças. Nas obras do seu primeiro convento, muito a ajudaram amigos e familiares. Foi inaugurado a 24 de Agosto de 1562, dia em que Teresa se descalçou, mudou de hábito e começou a chamar-se Teresa de Jesus. A cidade de Ávila quis destruir o convento por não concordar com a reforma por ela iniciada e

por já existirem muitos nesta cidade. Mas quando Deus quer e o homem colabora, nenhuma oposição faz parar uma boa obra. A sua segunda fundação foi em Medina del Campo, onde conheceu São João da Cruz, ficando encantada com ele e pedindo-lhe que fosse o primeiro carmelita descalço. Em 1571, foi nomeada pelos superiores, priora da comunidade onde havia estado, a do Convento da Encarnação. Começou o seu mandato colocando as chaves do convento nas mãos duma imagem de Nossa Senhora do Carmo. Assim conquistou a simpatia da comunidade de quase 200 freiras, até então enfurecida com as suas aventuras. É aqui, neste mesmo lugar, que um dia ouviu o Senhor dizer-lhe: «Teresa, se não tivesse criado o Céu, para ti e por tua causa o criaria agora».

Durante o seu priorato na Encarnação, chamou para Ávila São João da Cruz, reconhecendo-o como o único capaz de ajudar naquela difícil missão, fazendo dele o confessor do convento. Quando o apresentou à comunidade disse: «Irmãs, trago-vos por confessor um Santo!».

Ao todo, fundou 17 conventos. O último foi o de Burgos. O inverno estava muito forte e a saúde de Teresa muito débil. Mas no meio das maiores dificuldades, erigiu o último convento. Regressada a Ávila, mandaram-na para Alba de Tormes onde caiu de cama dizendo: «Não me lembro de me ter deitado tão cedo desde há muitos, muitos anos». Não se levantou mais. Nas suas últimas palavras de despedida disse: «Perdoem-me os maus exemplos que viram em mim, que sou má freira. Guardem a Regra e as Constituições, e não é preciso mais para as canonizar». Perguntaram-lhe se, morrendo queria ser enterrada em Ávila, ao que respondeu perguntando: «Mas aqui não terão um pouco de terra que me emprestem até ao dia do Juízo?». E morreu, exclamando: «Por fim, Senhor, morro filha da Igreja!». Eram nove horas da noite do dia 4 de Outubro de 1582. Nesse ano, o calendário foi atualizado pelo que o dia seguinte seria o 15 de Outubro, tinha 67 anos.

Teresa de Jesus foi uma mulher extremamente alegre, humilde e agradecida. A frei João da Miséria que a pintou num quadro, respondeu: «Deus te perdoe, Frei João, que me pintaste feia e enrugada!». Era

de grande simpatia e afabilidade no trato com todos. Relacionava-se com Deus como com Amigo. Pela sua experiência, vida e escritos tornou-se Mestra e Doutora da Igreja sobretudo pelos ensinamentos em matéria de oração.

Um dia disseram-lhe: «Madre, dizem que sois bonita, inteligente e santa. Que dizeis de vós mesma?». Teresa respondeu: «Bonita, vê-se bem. Inteligente, penso que nunca fui tonta. E santa, a veremos, assim Deus o queira!». Foi beatificada por Paulo V em 1614, canonizada por Gregório XV em 1622.

Deixou-nos preciosos livros espirituais, tais como: Livro da Vida, Caminho de Perfeição, Moradas ou Castelo Interior, Livro das Fundações, Poesias, Exclamações, e mais de 500 cartas. O seu conteúdo espiritual e intuições teológicas são de tal maneira profundos que o Papa Paulo VI em 1970 a declarou Doutora da Igreja.

O TEXTO QUE SEGUE ABAIXO, SÃO DO LIVRO DA VIDA (AUTOBIOGRAFIA):

Meus pais eram virtuosos e tementes a Deus. Minha mãe nos fazia rezar e sermos devotos de Nossa Senhora e de alguns Santos.

Meu pai era homem de muita caridade para com os pobres e de compaixão para com os enfermos.

Minha mãe tinha grandes virtudes, passou a vida com grandes enfermidades e morreu muito cristamente.

Éramos em três irmãs e nove irmãos. Por bondade de Deus, todos se pareceram com os pais, em ser virtuosos, menos eu, embora fosse a mais querida de meu pai.

Tinha um irmão, quase da minha idade, que era aquele a quem eu mais queria.

Nos uníamos para ler a vida dos santos.

Combinamos ir a terra dos mouros, esmolando por amor de Deus, para que lá nos decapitassem.

Quando vi ser impossível ir aonde me matassem por Deus, resolvemos fazer-nos eremitas; e, numa horta que havia em casa, tentávamos, conforme podíamos, fazer ermidas.

Dava esmola como podia. Procurava solidão para rezar as minhas devoções que eram muitas, em especial o Rosário, do qual minha mãe era muito devota e assim nos fazia sê-lo. Gostava muito, quando brincava com outras pequenas, de fazer mosteiros como se fôssemos freiras.

Quando morreu minha mãe, tinha doze anos, e ao perceber o que tinha perdido, fui-me,

aflita, a uma imagem de Nossa Senhora e supliquei-Lhe, com muitas lágrimas, que fosse minha Mãe.

.....Considero o mal que fazem os pais em não procurar que seus filhos vejam sempre - e de todas as maneiras - coisas de virtude.

Minha mãe gostava de livros de romance. Não tomou, no entanto, esse passatempo tão mal como eu, pois com isso não deixava o trabalho; somente nos facilitava a sua leitura.

Comecei a ficar com o costume de os ler; e esta pequena falta me fez resfriar os desejos por Deus. Não me parecia mal gastar muitas horas do dia e da noite em tão vão exercício, embora às escondidas de meu pai. Era tão em excesso o que nisto me embebia que, se não tivesse livro novo, não tinha - a meu parecer - contentamento.

Comecei a trazer galas e a desejar agradar, parecendo bem, a ter muito cuidado com as mãos e cabelo, perfumes e todas as vaidades que podia ter.

Não tinha má intenção, pois não quisera eu que alguém ofendesse a Deus por minha causa. Durou muitos anos este meu requinte demasiado e em outras coisas que me pareciam não ser nenhum pecado. Agora vejo o mal que me fizeram.

Tinha uns primos que tinham entrada na casa de meu pai. Agora vejo o perigo que há - na idade em que se hão de começar a criar virtudes - em tratar com pessoas que não conhecem a vaidade do mundo, mas antes despertam para ele. Andávamos sempre juntos. Ouvia os sucessos de suas aspirações e ninharias nadinha boas.

Se eu houvesse de aconselhar, diria aos pais que, nesta idade, tivessem grande cuidado com pessoas com quem seus filhos tratam. Daqui vem muito mal, porque o nosso natural mais tende para o pior de que para o melhor.

Tomei todo o mal de uma parente que frequentava muito nossa casa. Era de modos tão levianos que minha mãe procurou muito evitar que tratasse com os de casa. Parece que adivinhava o mal que por ela me havia de vir. Com ela era a

minha conversação e práticas, porque me ajudava em todas as coisas de passatempo que eu queria e até me metia nelas e dava parte das suas conversas e vaidades.

Meu pai e minha irmã mais velha sentiam muito esta amizade e dela me repreendiam muitas vezes.

Espanta-me, o dano que faz uma má companhia e, se eu não tivesse passado por isto, não o poderia crer. De tal maneira me mudou esta convivência que, do meu natural

virtuoso, não me ficou na alma quase nenhuma virtude. E parece-me que ela e outra que tinha os mesmos passatempos, imprimiam em mim suas maneiras de ser.

Por aqui compreendo o grande proveito que causa a boa companhia e tenho por certo que, se naquela idade tratasse com pessoas virtuosas, estaria inteira na virtude.

Se então tivera tido quem me ensinasse a temer a Deus, a alma iria tomando forças para não cair.

Andava, há três meses nessas vaidades, quando me levaram a um convento.

Minha alma começou a acostumar-se de novo ao bem da minha primeira infância, e vi o grande bem que Deus faz àqueles a quem põe em companhia dos bons.

Neste convento conheci uma freira e comecei a gostar da sua boa e santa conversação. Começou-me a contar como veio a ser freira só por ter lido o que diz o Evangelho: «muitos são os chamados e poucos os escolhidos». Dizia-me o prêmio que o Senhor dava aos que tudo deixam por Ele.

Começou esta boa companhia a desterrar os costumes que a má tinha feito, a tornar a pôr no meu pensamento desejos das coisas eternas e a tirar algo da grande repugnância que eu tinha em ser freira. Era tão duro meu coração que, se lesse toda a Paixão, não chorava uma lágrima.

....Devido a uma enfermidade tive que ficar hospedada na casa de um tio, homem muito virtuoso; seu exercício era ler bons livros e, o seu falar era de Deus.

Embora os dias que lá estive fossem poucos, com a força que faziam no meu coração as palavras de Deus, tanto lidas como ouvidas, e a boa companhia, fui entendendo: que tudo era nada, a vaidade do mundo, e como acaba em breve. E, embora a minha vontade não acabava de se inclinar a ser freira, vi, no entanto, que era o melhor e mais seguro estado e assim, pouco a pouco, determinei-me a forçar-me para o tomar.

Punha-me o demônio que não poderia sofrer os trabalhos da Religião por ser tão mimada.

Quando saí da casa de meu pai foi tal a aflição, parecia que cada osso se me apartava, pois, como não tinha amor de Deus a contrabalançar o amor de pai e parentes, fazia-me tudo uma força tão grande que, se o Senhor não me ajudasse não teriam bastado as minhas considerações para ir adiante. Aqui deu-me o Senhor ânimo contra mim.

Ao vestir o Hábito, logo o Senhor me deu a entender como favorece aos que se esforçam para O servir. Deus mudou a aridez da minha

alma numa grandíssima ternura.

A mudança de vida fez-me dano à saúde e embora o contentamento fosse muito, não bastou. Começaram-se-me a aumentar os desmaios e deu-me um mal do coração tão imensamente grande que causava espanto a quem o via, e outros muitos males juntos, e, assim, passei o primeiro ano com muito má saúde, todavia parece-me não ofendi nele muito a Deus. Meu pai levou-me a um lugar que tinha muita fama de se curarem outras enfermidades e assim disseram fariam à minha.

Na ida, aquele meu tio; que já disse, deu-me um livro: chama-se «Terceiro Abecedário». Trata de ensinar oração de recolhimento. Determinei-me a seguir aquele caminho com todas as minhas forças. Este livro foi meu mestre; porque não encontrei confessor que me entendesse, embora procurasse durante vinte anos.

Tinha medo de cometer pecado mortal e dos veniais, fazia pouco caso e isto foi o que me arruinou.

Alguns confessores quando confessava meus pecados veniais, diziam não ser pecado; e o que era gravíssimo mortal, diziam que era venial. Isto me fez tanto dano e enganei a outras pessoas dizendo o mesmo que a mim me tinham dito.

Parecia-me virtude o ser agradecida e ter amizade a quem me queria. Maldita seja tal amizade que se estende até ir contra a de Deus! É um desatino que se usa no mundo.

Estando eu, pois, com uma pessoa - o Senhor quis dar-me a entender que não me convinha aquela amizade, e que estava com grande cegueira. Representou-se-me Cristo diante de mim com muito rigor dando-me a entender que aquilo Lhe pesava.

Devido a minha enfermidade todos me desenganaram. Tinha dores desde os pés à cabeça, por vezes perdia os sentidos. Fiquei em extrema fraqueza; só tinha ossos. Fiquei assim por mais de 8 meses; o estar doente, ainda que fosse melhorando, quase três anos. Tudo sofri com grande conformidade. Estava muito conforme com a vontade de Deus, mesmo que me deixasse sempre assim.

..... tenho por grande mercê do Senhor a paciência que Sua Majestade me deu, que se via claramente vir d'Ele. Muito me aproveitou para isso o ter lido a história de Jó, e ter começado a

fazer oração - para poder levar com tanta conformidade. Todas as minhas práticas eram com Ele;

trazia habitualmente estas palavras de Jó no pensamento e as dizia: «Pois recebemos os bens da

mão do Senhor, porque não sofreremos os males?» Isto parece que me dava forças.

Depois que comecei a comungar – nunca deixei de me confessar o que pensasse ser pecado, embora fosse venial.

Vi em mim novas virtudes, embora não fortes, uma delas foi Não dizer mal de ninguém, por pouco que fosse.

Ficou-me o desejo da solidão; amiga de tratar e falar de Deus. Comungar e confessar-me muito mais; amicíssima de ler bons livros; um grandíssimo arrependimento em ter ofendido a Deus.

Todo o mal vinha de eu não cortar pela raiz as ocasiões de pecado e nos confessores que pouco me ajudavam.

Desejava saúde para O servir e foi causa de todo o meu mal !Pensava, que serviria muito mais a Deus com saúde. Este é o nosso engano: não nos entregamos de todo ao que faz o Senhor, que melhor sabe o que nos convêm.

Tomei por advogado e senhor ao glorioso São José e encomendei-me muito a ele. Não me recordei até agora de Lhe ter suplicado coisa que tenha deixado de fazer. A outros santos parece ter dado

o Senhor graça para socorrerem numa necessidade; deste glorioso Santo tenho experiência que socorre em todas.

Comecei, de passatempo em passatempo, de vaidade em vaidade, de ocasião em ocasião, a meter-me tanto em mui grandes ocasiões e a andar minha alma tão estragada em vaidades, que já tinha vergonha, em tão particular amizade como é tratar de oração, de me tornar a chegar a Deus. Ao crescerem os pecados, começou a faltar o gosto pelas virtudes.

Depois de andar tão distraída e sem ter oração.... estive mais de um ano sem ter oração.

Até que um Padre, com quem comecei a me confessar deu-me a compreender a perdição que trazia. Disse-me que não deixasse a oração de nenhuma maneira; e assim o fiz nunca mais a deixei.

Por uma parte, me chamava Deus; por outra, eu seguia o mundo. Davam-me grande contento todas as coisas de Deus; traziam-me atada as do mundo. Parece que queria juntar estes dois contrários, tão inimigos um do outro.

Aconselho aos que têm oração - que procurem amizade e trato com outras pessoas que tratem do mesmo. É coisa importantíssima, ainda que não seja senão ajudarem-se uns aos outros com suas orações.

Para cair havia muitos amigos que me ajudassem; para levantar-me achava-me tão

só que agora me espanto como não estava sempre caída. Era só Ele que me dava a mão.

Muito grande misericórdia faz Ele a quem dá graça e ânimo para se' determinar a procurar este bem (A ORAÇÃO) com todas as forças, porque, quando se persevera, não se nega' Deus a ninguém. Pouco a pouco vai habilitando o ânimo para que se saia com esta vitória. Digo ânimo, porque são tantas as dificuldades que começa o demônio apresentar para que não se inicie de fato o caminho da Oração. Se o que começa se esforça, com o favor de Deus, para chegar ao cume da perfeição, creio que jamais vai sozinho ao Céu; sempre leva muita gente atrás de si; como a bom capitão, dá-lhe Deus quem vá em sua companhia. Não queira neste mundo seu reino, nem deixe jamais a oração; e assim determine-se - embora esta aridez lhe dure toda a vida - a não deixar Cristo cair sob o peso da cruz.

Tenho para mim que o Senhor quer dar muitas vezes no princípio, e outras vezes no fim, tormentos e outras muitas tentações que se oferecem, para experimentar a Seus amadores e saber se poderão

beber o cálice e ajudá-Lo a levar a cruz, antes de lhes confiar grandes tesouros. E para bem nosso, creio, quer Sua Majestade levar-nos por aqui, para entendermos bem o pouco que somos. É que depois as mercês são de tão grande dignidade, que antes que no-las dê, quer que vejamos primeiro a nossa miséria, para que não nos aconteça como a Lúcifer.

Como sou tão enferma, até que me determinei a não fazer caso do corpo nem da saúde, sempre estive atada, sem valer para nada; e ainda agora faço bem pouco. Quis Deus que entendesse este arдил do demônio; e quando ele me punha o receio de perder a saúde, dizia: «Pouco importa que eu

morra». Se me sugeria descanso: «Não tenho necessidade de descansar, mas sim de cruz». Vi claramente que, em muitas ocasiões, embora eu de fato fosse muito enferma, era tudo tentação do demônio ou frouxidão minha. Depois que deixei de ser tão cuidadosa e mimada, tenho muito mais saúde.

.....Não é possível deixar tão grande bem (a oração) sem grande cegueira. Isto chamo de verdadeira queda: a das almas que rejeitam o caminho por onde ganharam tanto bem.

Mas, enfim, somos miseráveis. O que lhes recomendo com insistência é que não deixem a oração. Afastando-se da oração, ficarão em perigo.

Nenhuma conta se há de ter do descanso; é preciso esquece-lo para poder viver, ao invés de se lembrar dele.

Quem mais alto estiver, mais há de temer e menos confiar em si. Pensar que tudo acaba e que há céu e inferno. Quem segue Seus conselhos, nada tem a temer. “....Até os pregadores vão dispondo seus sermões de modo a não descontentar os ouvintes. A intenção será boa e boa também a obra, mas deste modo poucos se emendam. E qual a razão de não serem muitos os que pelos sermões deixam vícios públicos? É que tem demasiada prudência os que pregam. Não estão fora de si com o grande fogo do amor de Deus, como estavam os apóstolos”.

“...Vejo o mal que nos causa o pecado, pois deixou-nos sujeitos a não fazer o que quiséramos, que é estar sempre ocupados com Deus”

“...O traidor (demônio) sabe que para ele está perdida a alma que persevera na oração. É, por conseguinte, algo que muito o interessa fazê-la cair. Mas se ela perseverar na oração, as mesmas quedas a ajudarão, pela bondade de Deus, a dar depois salto maior no serviço do Senhor”. **Ao falar sobre os efeitos que o quarto grau da oração produz na alma (Capítulo 19) diz:** “Se é terra (a alma) muito cavada por provações, perseguições, murmurações e enfermidades, porque poucos hão de chegar aqui sem passar por tudo isso,a água tanto se embebe que quase nunca seca. Ma se o terreno ainda está por lavrar e coberto de espinho, como eu no princípio, e se a alma não está apartada das ocasiões, nem agradecida como merece tão sublime graça, a aridez volta!”. “.....Diziam de mim que pretendia passar por santa e inventada novidades”.

“...Punha-me (o demônio) no pensamento: como, sendo eu criatura tão ruim, apesar de ter recebido tantas graças, me havia de chegar à oração? Bastava-me rezar o que era de obrigação, como os outros, e se nem isto fazia bem, como queria fazer mais?”

Considerem bem isto... Saibam que no tempo em que vivi sem oração, minha vida foi muito mais errada.

“...Quem não deixa de andar e adiantar-se, mesmo que tarde, afinal chega. Para mim, perder o caminho é abandonar a oração”.

“...Uma alma, que tiver sido muito favorecida por Deus na oração, não confie em si mesma, porque pode cair. Nem se ponha de modo algum em ocasiões de queda”.

Ao falar sobre sobre o estado de êxtase e os efeitos que produz na alma (Capítulo 20):

“O corpo, quando enlevado, fica muitas vezes como se estivesse morto, sem ação, e permanece na posição em que é tomado: ora sentado, ora com as mãos abertas, ora

fechadas. Tem-me acontecido perder os sentidos, mas poucas vezes e por pouco tempo... O comum é que a alma, embora perturbada e sem poder agir quanto ao exterior, não deixa de perceber e ouvir como de longe. Não digo que perceba e ouça quando está no mais alto grau do êxtase, isto é, durante o tempo em que se perdem as faculdades por estarem unidas a Deus, pois então nada vê, nem ouve, nem sente. Não são coisas que se entendem, enquanto vivemos na terra. Na maior parte do tempo os olhos estão fechados ainda que não queiramos fechá-los. Por muito que lute, não há forças no corpo para mover-se”.

Se com dinheiro se pudesse comprar o bem que agora vejo em mim, muito o apreciaria. Mas é evidente que semelhante bem só se adquire abandonando tudo. Em suma que se conquista com o tão desejado dinheiro? Coisa preciosa? Objeto durável? Para que o desejamos? Triste a satisfação que se procura obter com ele, pois custa bem caro! O que muitas vezes se alcança é o inferno, e o que se compra é fogo que não se extingue. Com que amizade se tratariam os homens se não ligassem para a honra e o dinheiro! Tenho para mim que todos os males ficariam remediados.

A alma vê a grande cegueira que reina acerca dos prazeres, e como estes proporcionam sofrimento e angústia, mesmo para esta vida.

Quanto custa à alma, em tal estado, ter novamente de tratar com todos, olhar e ver a farsa desta vida tão mal ordenada, perder tempo ao cuidar do corpo, dando-lhe sono e alimento! Percebe o quanto somos cativos de nossos corpos e compreende melhor a miséria da vida.

Ah ! Se estivéssemos desapegados, e não puséssemos nossa alegria em coisas da terra, o pesar de viver continuamente sem Deus e o desejo de rejubilarmo-nos na verdadeira vida atenuariam o medo da morte!

A alma favorecida pelo Senhor tem vida trabalhosa e sempre com cruz, mas adianta-se a largos passos.

É por meio deste Senhor nosso que nos vêm todos os bens. Contemple sua vida, porque não há melhor modelo. Que mais podemos desejar, do que ter a nosso lado tão bom amigo? Não nos abandonará nas dificuldades e nas tribulações como fazem os do mundo. Bem-aventurado quem o amar deveras e sempre o trouxe junto de si.

Grande coisa é viver abraçado a cruz, venha o que vier. Este Senhor ficou desamparado de toda consolação: deixaram-no sozinho em seus tormentos. Não o deixemos nós.

O que tenho entendido é que todo o alicerce da oração está na humildade e quanto mais a alma

se humilha mais Deus a engrandece.

...Foi toda a minha salvação achar quem soubesse corrigir-me.

“Um sacerdote seu confessor, Diogo de Cetina”:..... ordenava-me certas mortificações não muito saborosas ao meu paladar; eu tudo fazia.

Minha alma ia sentindo qualquer ofensa feita a Deus, por menor que fosse, a tal ponto que, se tinha em meu poder algum objeto supérfluo, não podia recolher-me enquanto não o deixasse. Suplicava muito ao Senhor que me conduzisse pela sua mão e não me permitisse voltar atrás.

“Em seu primeiro êxtase foi que Jesus Lhe disse: *Já não quero que fales com homens, senão com anjos*”.... Estas palavras tiveram plena realização. Nunca mais pude descansar em amizade alguma, nem ter consolação, ou amor particular senão a pessoas que amam a Deus e procuram servi-lo. Não está em minhas mãos agir de outro modo, ainda que se trate de parentes e amigos. Para mim tornou-se uma penosa cruz tratar com alguém que não ama a Deus nem se entrega a oração.

....Das palavras de origem divina, tenho tido provas em muitos acontecimentos, que me foram preditos com dois ou três anos de antecedência, e até hoje todos se cumpriram sem exceção.

Neste falar de Deus a alma, ainda que nos pese, temos de escutar, e com a inteligência lúcida, para compreender o que Deus quer que entendamos.

“*Das escutas que tinha diz: ...algumas vezes as palavras são acompanhadas de tanta majestade, que mesmo sem considerar quem as diz, caso sejam de repreensão, fazem tremer, e se forem de amor, agem sobre a alma de tal modo, que ela se desfaz em amar. São coisas que na ocasião estavam bem longe da memória. As sentenças que ouvimos num momento são tão elevadas, que seria preciso muito tempo para as compor. Quando é Deus quem fala, ficamos instruídas num instante, entendendo coisas tais, que parecia preciso um mês para as imaginar. O próprio intelecto e a alma ficam espantados do muito que aprendem. Se as palavras viessem da fantasia, penso que estaria em nossas mãos entendê-las quando quiséssemos.*”

Se Lhe pomos muitos obstáculos e não fazemos nada para os tirar, como há de Vir a nós? E queremos que nos faça Deus grandes favores. Fazemo-nos tão difíceis e somos tão tardios em nos darmos de todo a Deus.

Determinamo-nos a ser pobres, mas muitas vezes tornamos a ter cuidados e fazemos tudo

para que não nos falte, não só o necessário, senão também o supérfluo... E assim pomo-nos em maior cuidado e, porventura, perigo, para que nada nos falte do que antes tínhamos.

Provações/Perseguições: “Aconteceu uma vez, que se reuniram para uma consulta a meu respeito muitas pessoas às quais eu dava grande crédito....Eram todos muito servos de Deus, uns cinco ou seis, creio. Meu confessor disse-me que todos tinham por certo tratar-se de coisa demoníaca. Determinaram que eu não comungasse tão frequentemente e procurasse distrair-me, evitando a solidão.....

Privada da solidão que era todo meu consolo, sem ter com quem desabafar, porque todos me eram contrários. Quando falava, uns zombavam, julgando tudo fantasia. Outros avisavam o confessor que se precavesse a meu respeito. Outros diziam que era claramente obra do demônio.

...Toda minha oração era para que Sua Majestade me conduzisse por outro caminho....Durou não sei se dois anos este contínuo suplicar ao Senhor.

Nada bastava para meu consolo quando pensava que fosse possível o demônio falar-me tantas vezes.....Contudo no meio de qualquer conversa o Senhor me fazia entrar em recolhimento e, sem que lhe pudesse resistir, dizia-me o que lhe aprouvera dizer. E eu era obrigada a ouvi-lo, ainda contra minha vontade.

....Estando eu nessa grande aflição, não tendo ainda começado a ter visões, ouvi estas palavras: “*Não tenhas medo filha, sou Eu e não hei de te desamparar; não temas*”.

Isto bastou para me tirar toda a angústia, dando-me inteira paz.

Rogo ao Senhor, que em tudo eu faça inteiramente sua vontade. E não permita a perdição desta alma que com tantos artifícios e de tantas maneiras Sua Majestade, inúmeras vezes, tem tirado do inferno e atraído a si. Amém.

SANTA TERESA D'ÁVILA E O MENINO JESUS

A ligação da devoção ao Menino Jesus e os carmelitas já vinha de longa data. Santa Tereza D'Ávila, teria sido a primeira pessoa a vestir o Menino Jesus com roupas de rei. Foi ela quem introduziu a devoção ao Menino Jesus nos conventos carmelitas.

Acredita-se que Santa Teresa de fato carregava consigo uma estátua do Menino Jesus em suas viagens, mas não é possível confirmar se a estátua de Praga é esta estátua. Histórias sobre

o tema já circulavam na região da Espanha no século XVII.

Conta-se que a mãe da Princesa Polixene, que era espanhola, tinha ganhado a imagem da própria Santa Tereza D'Ávila. Quando Polixene se casou com um nobre tcheco, ela ganhou a imagem de sua mãe e a levou para a Tchecoslováquia. Antes de sua morte, a princesa fez questão de dar a imagem aos carmelitas, como uma homenagem a Santa Tereza.

Abaixo a estátua do Menino Jesus de Praga, que recebe especial devoção por ter pertencido a Santa Teresa segundo a tradição popular.



ORAÇÕES AO MENINO JESUS

Consagração ao Divino Menino

Oh! Divino Menino Jesus, verdadeiro Filho da Santíssima Virgem Maria, eu Vos saúdo, amo e adoro.

Sob a proteção de Nossa Senhora e de São José, consagro-me inteiramente a Vós.

Abençoai-me, oh! meu Redentor, e ensinai-me a imitar Vossas virtudes e exemplos.

Que o Vosso Sagrado Coração seja a minha força durante a vida e o meu consolo na hora da morte. Amém.

Adoração ao Menino Jesus

Vos adoro, amável Menino do casebre, o mais humilde e o maior dos filhos dos homens, o mais pobre e o mais rico, o mais frágil e o mais poderoso.

Vos bendigo, porque vos haveis dignado descer até mim, para ser meu modelo na prática de todas as virtudes, meu guia nas dificuldades da vida e meu asilo nos dias de aflição.

Vos amo, porque vens a mim com amor infinito; com amor generoso, que não se cansa de minhas ingratidões; com amor obsequioso, que se antecipa aos tardios impulsos de meu coração; com amor paciente, que espera minha conversão para amar-me mais ternamente ainda.

Por isso, com o coração cheio de agradecimento, de joelhos aos pés deste leito de palha, vos adoro, bendigo e amo, com todo o fervor de minha alma, e me atrevo a levantar meus olhos até meu Deus, que se digna olhar-me ternamente.

Amém.



Zue nesta meditação sobre a vida de Santa Teresa D'Ávila e através das orações neste tempo do Aduento possamos endireitar nossos caminhos para um novo nascimento do Menino Jesus em nossos corações, procurando com a Sua graça colocar em prática seus planos de amor e salvação em nossas vidas!

São os votos da Associação Filhos de Jesus e Maria para um Feliz e Santo Natal e um Ano Novo repleto de bênçãos!

Bibliografia:

- 1) Site - <http://teresadejesus.carmelitas.pt/>
- 2) Livro da Vida - Santa Teresa de Jesus – Autobiografia – Editora Paulus (4 edição)
- 3) https://pt.wikipedia.org/wiki/Teresa_de_%C3%81vila



Associação Filhos de Jesus e Maria

www.afjm.org.br

Tiragem: 50 exemplares